REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL DE TURISMO, PROPAGANDA, VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE E LITERATURA ○ ○ ○

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VIII
II SERIE

MAIO 1924
N.º 143

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: *LARGO BORDALO PINHEIRO, 28* — TELEFONE 2337 CENTRAL

O TURISMO EM PORTUGAL

HA quasi oito anos que, cheios de esperança na realisação d'um belo ideal, vimos, nas columnas d'esta Revista, pugnando pela instituição, em Portugal, da industria de Turismo.

Temos, com os recursos da nossa pouca sciencia, mostrado todavia o mais claramente que nos tem sido possivel, quanto ha de interessante, quanto de benefico e de produtivo se encontra na exploração d'essa industria, cujos resultados materiaes e sociaes — se a ela dedicassemos os cuidados da nossa melhor atenção — seriam do mais salutar efeito para toda a nossa vida.

A nossa insistencia sobre a resolução dos mais importantes problemas que se teem apresentado para a pratica d'essa exploração, tem sido possivelmente demasiada, mas justificada com a razão d'existencia d'esta Revista, que não foi feita senão para a defeza do Turismo e que em todos os seus numeros atesta os esforços que temos posto á prova, em defeza da nossa idéa, que nada mais reflecte do que um ardente desejo de se não perder na nossa Patria, tão atrahente, tão seductoramente bela, o caudal de beneficios resultantes da exploração da perenne fonte de receitas que é a industria de Turismo.

Confrange o coração vermos que nada se tem feito e nada se faz — a nós principalmente, que a nossa missão era muito diversa d'esta em que penosamente temos vivido, gastando a nossa inteligencia e o nosso melhor esforço mais em criticar a ação alheia, do que em exaltar as mais belas riquezas da nossa Patria, como queriamos fazer, como era o nosso melhor desejo e como nos cumpria, pela nossa missão na imprensa e para a realisação da nossa idéa.

Mas... a paciencia esgota-se no calix do ideal em que a vasámos; e evolada ela, os esforços teem um limite; a persistencia cede logar ao abandono e acaba-se por pôr um ponto em todo este sacrificio, tão mal aproveitado, tão mal comprehendido e até mesmo desconhecido.

Quando um dia — que certamente não virá longe — puzermos um termo a esta obra, iremos descançar com a consciencia tranquila de havermos cumprido bem a nossa missão, fazendo por lançar á terra boa semente.

Não lastimaremos, por isso, o tempo que perdemos, o socego que deixámos de ter, as preocupações e canceiras a que o ideal nos sugeitou, no unico intuito de sermos util á nossa Terra.

Mas o que sem duvida nos invadirá é a descrença, absoluta e completa, das pessoas e das coisas.

N'esse dia a industria do Turismo em Portugal perderá o seu melhor esteio, o seu mais dedicado apoio que é a ***Revista de Turismo,*** porque poucos se compenetraram ainda de que a sua existencia era a melhor garantia do bom exito da industria a que ela tem dedicado, com uma estoica coragem, toda a sua pequena existencia. Assim desamparada, tem-se-lhe cerceado os recursos de vida, limitando-se-lhe a assistencia moral e material n'uma ocasião em que até as grandes empresas se vêem embaraçadas para manter o justo equilibrio dos seus orçamentos; não admirando pois que a nossa empreza — pequena e pobre — seja por isso compelida a pôr termo á sua precaria existencia, visto as suas forças se acharem depauperadas.

Porém, quando isso acontecer, renascer-nos-ha um direito indiscutivel: — é o de classificarmos todos com o apodos que a nossa inteligencia nos ditar.

...E fal'o-hemos.

AS COMISSÕES D'INICIATIVA

A *Revista de Turismo* que sugeriu e defendeu sempre a idéa da constituição da Comissões d'Iniciativa, não podia — agora que elas são um facto — deixar de se interessar, com tanto ou mais enthusiasmo, pela vida d'esses organismos, cuja ação é do mais capital interesse para o desenvolvimento do Turismo em Portugal e, consequentemente, para a melhoria que a nossa situação, a todos os titulos, tem a registar.

Para isso, porém, preciso é que essas Comissões comprehendam bem o papel importantissimo que teem a desempenhar e tenham a noção do seu real valôr e das suas responsabilidades.

E' claro que nem nós nem ninguem pode exigir-lhes mais do que o tempo e as condições em que elas exercem a sua actividade lh'o permitam fazer; mas o que é bom frizar é que, tendo sido esses organismos instituidos para a satisfação d'uma imediata necessidade do Paiz, eles não podem limitar-se a uma situação de passividade; sendo, portanto, obrigados a desenvolver os recursos que a lei e o respectivo regulamento lhes faculta para que produzam os efeitos que, certamente, se teve em vista ao ser promulgada a lei que os creou.

Ora, é natural que tanto essa lei como o regulamento que lhe deu execução, não sejam tão completos quanto seria para desejar.

Estamos mesmo convencidos de que esses dois diplomas precisam d'uma refundição para tornar mais pratica e proficua a ação das Comissões d'Iniciativa. Não é, porém, nosso intento divulgar antecipadamente os juizos que fazemos a tal respeito; e, assim, pensamos que será proveitoso saber primeiramente quaes os resultados que, na pratica, podem ser obtidos, como consequencia do estricto cumprimento das disposições contidas n'esses dois diplomas.

Ora, segundo o n.º 2 do artigo 5 do regulamento, as Comissões d'Iniciativa são obrigadas a enviar anualmente á Repartição de Turismo, um relatorio no qual deverá ser descripto tudo quanto foi feito durante esse ano, desde o criterio na aplicação da taxa que as mesmas Comissões estão auctorisadas a cobrar, até a sumula do programa a pôr em execução.

E' de presumir que, n'esse relatorio, elas não deixem de consignar os inconvenientes que tenham podido constatar na cabal execução da lei, para que a entidade oficial respectiva possa aprecial'os e prover a sua remoção, se tanto lhe fôr possivel.

Pode, porém, suceder que nem todas as Comissões apresentem os mesmos inconvenientes pelo facto da ação de cada

uma ser condicionada ás exigencias do respectivo campo, muito embora ela deva obedecer a um criterio geral.

Porém, simplesmente pela sumula d'esses Relatorios, tornar-se-ha, certamente, dificil á auctoridade competente chegar a um resultado positivo que a habilite a propor superiormente as modificações á lei e respectivo regulamento que forem julgadas indispensaveis para se prover de remedio os inconvenientes que venham a manifestar-se; e, assim, alvitramos a realisação d'um Congresso de todas as Comissões d'Iniciativa para facilmente se apreciarem e discutirem as medidas que a cada uma d'essas Comissões se imponham como indispensaveis para a respectiva ação surtir os desejados efeitos.

Cremos ser este o melhor e mais eficaz meio de se conseguir um trabalho proveitoso e a todos os titulos benefico; pois, por certo, esse Congresso não deixará de se pronunciar sobre as bases concretas em que deverá assentar a remodelação da legislação vigente.

Como, porém, nem todas as Comissões d'Iniciativa estão ainda constituidas, parece-nos conveniente aguardar-se o tempo preciso para que todas possam experimentar os resultados praticos da estricta aplicação dos diplomas em vigor.

Não impondo esta nossa idéa, deixamol'a, todavia, desde já, aqui consignada, para efeitos futuros.

JOSÉ LISBOA

O Congresso hoteleiro em New-York

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Arquivamos hoje n'estas columnas, com a maxima satisfação, as impressões da viagem à America que o nosso bom amigo, sr. Leon Kuès, inteligente Administrador Delegado da Companhia dos Hoteis Portugueses de Turismo, que fez parte da Delegação que representou Portugal no Congresso Hoteleiro realisado ultimamente em New-York, traçou para os leitores da «Revista de Turismo», com o brilho da sua sempre interessante pena de jornalista, que o é e muito distincto.

.....

«O meu enthusiasmo era duplo e enorme: — por ir vêr a America; e por me ser dada a honra de fazer parte da Delegação Portuguesa n'esse grande Congresso, que se me apresentava interessante a todos os titulos.

Chegou o dia da partida, que esperava risonho, porque imaginava que o bom sol de Portugal compartilharia da intensa alegria de que estava possuido; mas o ceu, habitualmente lindo, estava n'esse dia toldado, com aspecto melancholico — talvez porque me via partir, deixar o Bom Jesus sem manifestar uma saudade intensa por me separar d'este adoravel torrão da Terra Portuguesa! Mas... a minha separação era momentanea; tão rapida, mesmo, que me não permitiria sentir saudades do sitio que deixava para, dentro em pouco, voltar a gozal'o na plenitude de todas as suas excelsas belesas.

...Demais, ia na companhia de bons e patriotas portuguezes: — M. e M.me Alexandre d'Almeida e o tenente-coronel João Pestana de Vasconcellos. Não podia, pois, esquecer-me d'esta patria que para mim é como uma mãe adoptiva.

...E parti: Fui por esses caminhos em fora, atravessando os campos ridentes do Minho, parte do baixo Douro, até entrar na róta das Beiras, por onde o «Sud-Express» correu velozmente, atravez de pontes sobre rios inspiradores, penetrando no amago das montanhas, forçando sempre a resistencia do vento nos

descampados fronteiriços de Espanha até que me deixou fóra de Portugal, d'este delicioso Paiz que me deu um amoravel beijo de filho e me recomendou que o representasse com a distinção que ele me concedia.

...E lá fômos — todos os da sympathica Delegação Portugueza, alegres, comunicativos, ora trocando impressões, ora apreciando casos e coisas que mais se relacionavam com o nosso «metier» e com a missão que iamos desempenhar.

Assim chegámos a Paris onde um outro amavel portuguez, M. da Guerra Maio, redactor da *Revista de Turismo* e director do *Bureau de Renseignements* que a Sociedade Propaganda de Portugal mantem, patrioticamente em Paris, aguardava bizarramente a nossa chegada. Esse portuguez ilustre, foi para nós d'uma grande amabilidade.

Paris não me pareceu modificada. Encontrei-a na mesma. Sempre grandiosa e frivola como uma princeza mundana.

Paris não pode descrever-se. Paris é Paris. Um nome que vale um mundo. E' por isso que, quando saudosamente a deixo, um pouco do meu espirito fica ali, porque não se apagam facilmente as comoções sentidas na febricitante vida da capital da civilisação.

Poucos dias ali nos demorámos. Apenas o tempo suficiente para que o grande transatlantico que nos levou ao Novo Mundo e que, por uma feliz coincidencia, se chamava «Paris», pudesse — no remanso das aguas do Havre—tomar o folego necessario para transpor, com a velocidade d'uma gazela maritima, a distancia entre os dois continentes.

No dia 3 de Novembro o «Paris» estava perfeitamente apto para o grande serviço que ia prestar. Tudo a postos; tudo em ordem.

E, após um ligeiro solo, em baixo profundo, entoado pela sua ensurdecedora busina, como que interpretando o «adeus á Terra», os interiores d'esse monstro maritimo começavam a mover-se, impelindo-o para a vasta amplitude do mar imenso.

Dentro em pouco estavamos em pleno Oceano entregues á força suprema do nosso Destino.

Fomos então examinar detidamente esse grande barco, com o interesse com que se visita o desconhecido que nos atrahe pela sua grandeza. Verificámos que o «Paris», é um verdadeiro colosso. Deslocando perto de 34.000 toneladas, o seu comprimento é de cerca de 230 metros e a sua potencia de 45.000 cavalos, podendo comportar aproximadamente 4.000 passageiros! — Mais do que muitas cidades de provincia!

Em luxo, requintado e artistico, as suas instalações não podem ser excedidas. Tudo ali ha; n'ele nada falta: — biblioteca, salas de musica, de dança, de jogo, de fumo e de conversa; cinematographo, *grand guignol*, piscina para natação; aparelhos mecanicos para exercicios physicos — eu sei! — uma cidade completa, com gremio, clubs de recreio, de desporto e de dança. Os seus aparelhos de T. S. F. são de tal perfeição que, a bordo, se está permanentemente em contacto com terra, podendo-se, assim, dar ordens para negocios, receber comunicações d'interesse pessoal e noticias de caracter geral, de modo que se está, sempre durante a travessia, ao corrente dos factos mais importantes que se vão passando por esse Mundo de Christo!

Além de todas as distrações que propriamente essa cidade fluctuante nos proporcionava, outras houve, como festas especiaes em honra das diferentes delegações, pois todas as representações europeias embarcaram n'esse transatlantico, o que tornou a viagem mais interessante e divertida.

Assim se passaram rapidamente os dias da travessia, até avistarmos a estatua da Liberdade, que nos convidava como que esboçando um sorriso de amavel deferencia, a entrar n'essa extraordinaria nação americana onde tudo é absolutamente americano — extraordinario, original, unico.

.....

EM MARROCOS

O PROGRESSO MARROQUINO
A CRISE ECONOMICA
OUTROS ASPECTOS

Marrocos é a manifestação mais perfeita, quanto a vontade e a espirito de sequencia. Quem ha 15 anos tivesse visto este velho Paiz de Islan, e voltasse a vel'o hoje, não o conheceria. O seu progresso é consideravel. Abriram-se caminhos de ferro, rasgaram-se estradas em todas as direcções, lançaram-se pontes, construiram-se cidades.

Ha ali, porém, duas raças distinctas, conservando cada uma a sua civilisação e os seus costumes: a arabe e a europeia. E, não vivendo isoladas, nenhuma se detesta; ambas trabalhando em terreno diferente, não se rivalisam. As cidades marroquinas, que sofreram grandes retoques de civilisação, guardam religiosas e intactas as suas Medinas, cheias de pitoresco, e as suas Mesquitas, onde a entrada é rigorosamente prohibida aos extranhos á religião de Mahomét. Os seus mercados e as suas casas, velhas como uma duzia de seculos, são tambem motivos de grande respeito.

Ao lado das velhas Medinas, ergueram-se novas cidades, com belos arruamentos, predios magnificos, quasi todos em estilo mourisco, d'uma brancura a que um grande sol africano dá alegria e vida. As repartições publicas, todas no mesmo estilo, tanto interior, como exterior, demonstram bem o alto interesse que a Residencia Francesa teve na sua construção, pois entendeu que o melhor meio de fazer ali uma grande obra era o de conservar as tradições do Paiz, e não transportar para o Norte de Africa a arquitectura do Boulevard, como nós fizemos quando alargamos a area da nossa Capital.

O progresso é, pois, consideravel, talvez maior do que seria preciso, pois nada menos de seis portos de mar estão em construção: Kenitra, Rabat, Casa Blanca, Azamôr, Mazagão e Mogador—todos com caes acostaveis, docas de abrigo, n'uma grandeza tal, que Deus sabe, depois de prompto, quanto tudo isso vae custar.

Todavia, Marrocos atravessava uma grande crise, consequencia da importancia que tudo aquilo tão rapidamente tomou. Para d'isso dar uma amostra, bastará dizer que em casa Blanca, terrenos que, quando da abertura das novas ruas, foram vendidos a 25 centimos o metro quadrado, chegaram a atingir 120 e 150 francos, devido á especulação que ali se fez, sem limites. No emtanto trabalhou-se sem descanço; e as ruas edificaram-se em grande parte, e n'um periodo relativamente curto.

Todos supunham que Casa Blanca seria dentro em pouco um segundo Buenos Ayres ou uma Nova York africana, e por um lado o Estado, e por outro o capital francez que ali acorrera, deitaram mãos á obra, sem receios de especie alguma, ninguem se lembrando que um retrahimento de negocios poderia surgir e abalar a economia marroquina.

Foi o que aconteceu. Uma crise, uma grande crise faz a sua epocha. As construções pararam, o capital desapareceu, a os terrenos que a especulação elevara a 150 francos, ninguem os quere agora por metade do preço.

Mas a obra realisada é já grande, e a crise ha de ser passageira.

Marrocos deve, dentro em pouco, caminhar de novo, porque os seus recursos são muito importantes.

Um dos maiores, porém, é, sem duvida alguma, o do turismo, para que esse Paiz se presta admiravelmente e para o que o go-

verno francez tem empregado a melhor atenção. Dentro em pouco duas grandes linhas ferreas serão abertas á exploração, uma de Casa Blanca para o Norte, Rabat e Tanger, e outra para o Sul, Marrakeche, com uma ramal para Mazagão. Emquanto porém o silvo da locomotiva não chega, varios serviços de Autobus ligam umas cidades ás outras, com magnificos vehiculos, prestando um grande serviço ao publico e ao turismo.

Um d'esses carros levou-nos a Marrakeche, a velha capital de Islan. Ao chegarmos ali sentimos a sensação mais extraordinaria, que nos foi dado até agora experimentar. E' que isto da gente descer de um automovel, que nos transportara rapida e confortavelmente, mercê dos seus pneus magnificos, tudo civilisação, junto á mais primitiva das cidades em que nada mudou n'um periodo de mais de 12 seculos, dentro das suas altas muralhas de barro amassado, e afinal nos sentirmos mergulhar nas paginas d'uma historia que lemos na duvida de que aquilo não seja uma phantasia do escriptor, não pode nem é indiferente — é phantastico!

Mas é a realidade pura. Lá vem a mulher arabe, de cara coberta, mal deixando ver os olhos; lá vem o mouro triste e fatalista, arrastando a sua preguiça eterna; lá vem o burrico, sem cabeçada, sob albardão primitivo, tudo lembrando os tempos de Mahomét. Na grande praça Djemaa El Fna, um turbilhão de gente se diverte, ouvindo cantadores, admirando acrobatas de musculos mirrados, deleitando-se com uma musica tão dolente que conduz o espectador extranho a um estado de morbidez.

Entremos, agora nas velhas ruas da celebre capital. Ruas tortuosas, estreitas, em que ha sempre o mesmo movimento. Gente que vae e que vem, sem se importar com o europeu avido de coisas curiosas da sua terra. Tudo porém envolto n'uma grande tristeza, como se uma eterna fatalidade pesasse sobre a atmosphera e dominasse tudo e todos.

As casas baixas, construidas no Seculo X, nada mudaram; as mesmas portas baixas, tendo a gente que se curvar para entrar. Lá dentro duas ou trez divisões; o recheio limitando-se a uma esteira no chão, dá a ideia flagrante da sobriedade d'esse povo, d'aquela velha maxima arabe: *O Amor dura sete segundos, a phantasia sete minutos e a miseria toda a vida.* A resignação nos arabes é a mais completa. Não teem ambições. Um bocado de pão lhes basta; o trabalho é feito para os outros, e por isso os dias passam-nos sentados no chão, com a cabeça entre os joelhos, pendida n'uma somnolencia preguiçosa, ou erguida a contemplar ceus d'onde lhe veem as bençãos e os desagravos. Supersticiosos em extremo, a vida para eles é uma verdadeira torrente de fatalidades; do Ceu lhe cahem constantemente as desgraças mais opresivas.

As principaes ruas de Marrackeche, são constituidas pelos Socos, casas de comercio, e que teem o tamanho e a forma d'uma montra de loja comercial, cujo vidro é substituido por dois taipaes horisontais, que se abrem, cahindo um para fazer o mostrador e elevando-se o outro para formar o alpendre. Lá dentro sentado sobre as pernas cruzadas, está o comerciante, um velho judeu de olhos pretos e expressivos, que serve a clientela sem se levantar do seu lugar, pois todos os artigos á venda lhe estão ao alcance da mão.

Mas dentre toda esta miseria erguem-se os varios palacios feudaes como o da Bahia, construido nos fins do seculo passado, sobre ordem do Visir de Moulay Abd El Aziz, e que é uma admiravel obra de arte arabe, mobilido com o luxo tradicional dos antigos feudos. Hoje serve de residencia, quando ali vae, ao Marechal Leautey. Mais adiante depara-se-nos o famoso parque do Aguedal com o seu palacio de Dar El Beida, hoje hospital, residencia do Sultão, cercado de altos muros, com o seu harem, os seus lagos, as suas sombras discretas, tudo o bastante para fazer uma vida dôce e tranquila.

Uma surpreza ainda me estava reservada em Marrackeche: a Porta dos Portuguezes, exemplar magnifico de arquitectura mourisca, datando do seculo XVI.

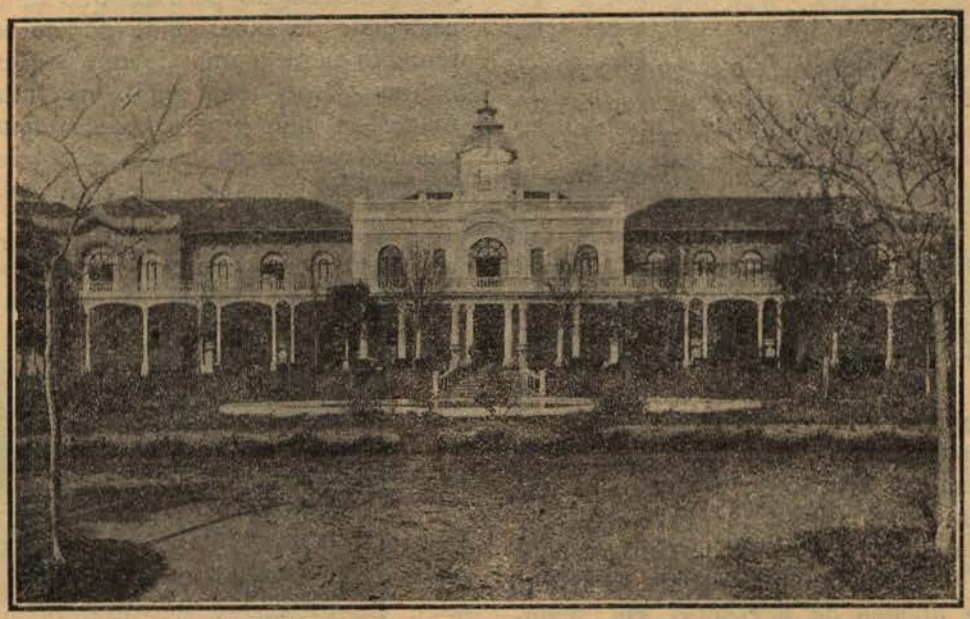
Essa porta, a mais bela e imponente da velha capital, marca para nós um facto tristissimo, pois foi construida pelos prisioneiros portuguezes de Alcacer Kibir. No emtanto um facto se constata, e bem evidente: o espirito admiravel de adaptação da nossa raça, pois entre os prisioneiros que ali trabalharam, poucos tinham a noção do que era a arquitectura e nenhum conhecia a arte arabe em que essa porta foi construida.

GUERRA MAIO

THERMAS PORTUGUEZAS

A CURIA

São três as nascentes que abastecem a estancia, a saber: ***Principal, Ferrea*** e dos ***Olhos,*** pouco divergindo entre si na sua composição. Brotam na fertilissima região da Bairrada, lugar da Curia da Mata, que lhes deu o nome, na freguezia de Tamengos, do concelho da Anadia, achando-se o estabelecimento hidrologico situado n'um local devéras aprazivel, que a cultura agricola da região mais atrahente ainda torna pela beleza que lhe imprime.

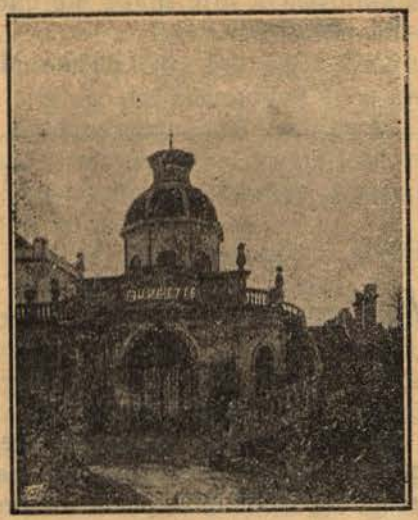


CURIA — Fachada do Estabelecimento Thermal

Desde muito que as aguas da Curia eram utilizadas pelos visinhos do lugar, para rheumatismo e doenças de pele, mas os seus créditos adveem-lhe dos magnificos resultados colhidos pelos muitos milhares de enfermos que d'elas teem feito uso desde 1902, ano em que foi oficialmente auctorisada a sua exploração.

São unctuosas ao tacto, limpidas, inodoras e com o sabor caracteristico das sulfatadas calcicas; sendo a temperatura de 19,75 c. na da nascente principal, que é a que se emprega para uso interno e para exportação; e de 18,4 nas outras duas nascentes.

A analyse bacteriologica deu-as como muito puras, com ausencia completa de germens patogeneos; e a analyse chimica



Torreão do Estabelecimento thermal

classificou-as como *frias, mesosalinas, sulfatadas calcicas, bicarbonatadas sodicas e levemente magnesianas, ferruginosas e litinadas.*

Estimulam todas as secreções, activam todo o funcionamento do figado e dos rins, augmentam as secreções urinarias e desembaraçam os canaliculos renais e uretéres das mucosidades e areias, desagregando os calculos e facilitando o seu trajecto para a bexiga, sobre a mucosa da qual exercem uma acção cicatrizante.

A especialização geral das aguas da Curia visa os artriticos; a sua especialização funcional atinge os gravelosos.

A nota clinica *preciosa* da Curia é dada pelo uso da agua, quando bebida. O banho serve-lhe apenas de acessorio, em determinados casos contra-indicados.

A *salubridade local e habitacional* são de molde a não oferecer reparos á mais cuidada observação.

O estabelecimento hydrominal e hydrotherapico, com instalações modernas, duches, aplicações electricas, massagens, etc., funciona desde 1 de Julho a 30 de Outubro.

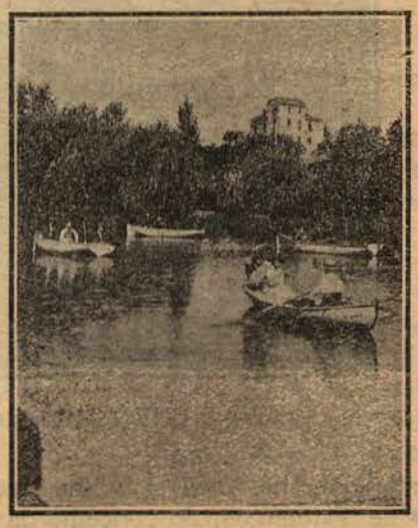
Ha na Curia quatro hoteis: *Hotel da Curia* (que era antigamente chamado da Rosa), *Palace Hotel* o *Grande Hotel da Curia* e o *Hotel do Parque,* o primeiro aberto todo o ano, e os dois restantes abertos apenas durante a epocha.

A *estação* que serve a estancia é a de *Mogofores,* na *linha ferrea do Norte e Leste,* que fica a 3 kilometros de distancia, havendo ali carros e automoveis á chegada dos comboios.

São interessantissimas as excursões que podem fazer-se a Anadia, a Luso, ao Bussaco, á lagôa ou pateira de Fermentelos, etc., sendo sobremodo pitoresco os diferentes aspectos da região.

Representa a descripção que acima fazemos a apreciação por assim dizer technica das thermas da Curia, em que se assignala o positivismo material, proveitoso como elucidação para os que tenham necessidade de saber onde podem encontrar remedio para o mal de que sofrem.

Mas como, em geral, os tratamentos materiaes não produzem os efeitos sufficientes para o completo restabelecimento do padecente, preciso se torna que a essa



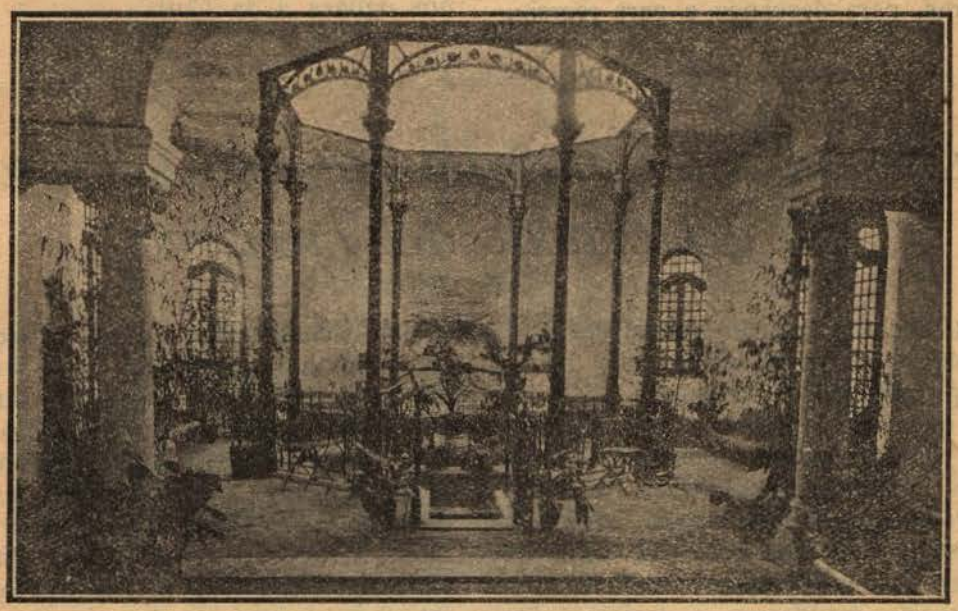
O lago do Parque

noticia descriptiva, muito clara e vantajosa, juntemos outras informações não menos preciosas, que muito poderão contri-

buir para se fazer uma justa idéa do que verdadeiramente é esse belo rincão da Terra Portugueza, onde ha belas distrações para o espirito — o que entra como factor importante na cura do doente.

Como acima é dito, as Aguas da Curia estão situadas n'uma das regiões mais pitorescas do Douro — a Bairrada — afamada pelos seus deliciosos vinhos e que, por isso, lhe valeu o nome da *Champagne* portugueza.

Isto basta para se avaliar do interesse que pode despertar uma longa visita n'essa bela região, em que a vida tipica do Portugal vinhateiro se mostra na pujança de toda a sua realidade.



THERMAS DA CURIA — As fontes

Assim o aspecto dos campos frescos, sadios, de vida exhuberante, atrae insensivelmente pela alegria que traz á vista, pela comodidade que proporciona ao corpo, ao sentir todo o bem-estar d'um ambiente verdadeiramente seductor.

A Curia caracteriza-se pela amenidade do seu clima, pela difusão da sua luz clara e d'uma regular intensidade; pelo seu magnifico ar, pela sua explendida agua.

Com estes predicados, é evidente que esta estancia thermal é completa; e assim ela serve tambem excelentemente para curas de repouso, visto para isso nada lhe faltar: bons hoteis, sobresahindo d'entre eles o Palace-Hotel, que sendo já uma instalação comoda e luxuosa, no proximo ano ficará sendo o primeiro Hotel thermal; um parque plano e bem arborisado, com uma linda alameda de platanos onde ha sempre uma agradabilissima temperatura; um amplo lago, cujas margens oferecem varios encantos e onde se goza o pitoresco do interior do parque, com os seus cantos para o isolamento que muitas vezes o espirito exige como uma necessidade absolutamente indispensavel. Emfim, um conjuncto de condições que proporciona á Curia vantagens superiores para uma estação de repouso, até mesmo aproveitavel no inverno, por isso que ali não ha humidade, mas um frio seco, embora algumas vezes, durante a estação hibernal, a neve se deposite nas ramadas do arvoredo, dando-lhe o aspecto d'uma original floração.

Como estancia de Turismo, a sua posição é egualmente superior, e pode constituir um bom centro d'excursões visto estar ligada e a pouca distancia, quer por estradas, quer pelo Caminho de ferro,

de interessantes pontos, como sejam: Anadia, a Lagôa de Fermentelos, o Luzo, o Bussaco, Coimbra, Figueira e muitos outros.

Sobretudo pelas estradas, a viagem da Curia para qualquer d'essas direções especialisando o Bussaco, oferece o mais agradavel prazer, tão encantadores são os campos de toda a região da Bairrada.

Eis, pois, uma das mais completas estancias do nosso Paiz, que muito tem progredido pelas dedicações que lhe teem dado vida, alegria — n'uma palavra —que teem feito da Curia um logar aprazivel para curas, para descanço e para recreio.

E estamos certos de que, se já hoje ela oferece vantagens e comodidades que a tornam muito procurada e apreciada, dentro de pouco tempo essa estancia com os beneficios que estão projectados, rivalisará, sem favor, com as suas congéneres extrangeiras — o que será duplamente vantajoso, porque fará ficar dentro do Paiz além d'uma concorrencia que mais a animará, muitos milhares de contos que anualmente sahem de Portugal — mais por pedantismo do que por outro motivo—para serem entregues aos que no extrangeiro exploram aguas senão inferiores, pelo menos eguaes á da Curia.

A influencia da desvalorisação da moeda na exploração do Turismo

Facil é comprehender que a desvalorisação da moeda é um dos factores de propagação do turismo.

Isto, que talvez possa parecer um paradoxo, vem confirmar o que tantas vezes tem sido dito n'estas columnas, e é que a industria do turismo é a mais complexa que existe, não sendo facilmente acessivel a inteligencias medianamente cultas.

E' preciso estudar-se o turismo em todas as suas manifestações, conhecer-se-lhe as exigencias, apreciar-se-lhe as necessidades para se poder falar com *algum* conhecimento de causa.

Assim, a desvalorisação da moeda d'um paiz pode ser um factor de consideravel importancia para o progresso da industria do turismo n'esse paiz se ele puder e souber aproveitar as suas condições proprias.

A confirmação d'este facto tem-se manifestado em Portugal pela afluencia dos hespanhoes que, aproveitando a grande diferença do valor existente entre as duas moedas infelizmente favoravel para eles, teem vindo em maior numero ao nosso Paiz, fazer as suas curas, ou passar o tempo das suas ferias.

Como consequencia d'esta situação, não só as praias do Norte, como inclusivamente os Estoris e Cascaes e outras estancias albergaram durante a epoca balnear e thermal, do ano passado, um grande numero de hespanhoes que, sem um desproporcionado desembolso, puderam fazer o tratamento e saborear uma mudança d'ambiente em praias e thermas que, embora extrangeiras, lhes ofereceram não só a comodidade da proximidade do seu Paiz, mas uma vida interessante e de salutares efeitos.

Como, infelizmente, o cambio tem peorado de então para cá, é de presumir que em virtude d'esse facto e d'outras facilidades, a afluencia dos nossos visinhos ás praias portuguezas augmente este ano; o que constituirá uma apreciavel fonte de receita para as localidades onde eles se instalarem, sobretudo para o comercio que sacrifica a vida dos proprios nativos á ganancia da exploração.

Seria bom, em todo o caso, limitar quanto possivel os excessos para que o numero dos beneficiados não fique muito desproporcionado com o dos que só perdem com esse facto.

A' GUITARRA

QUADRAS

Dizei ao mundo, dizei,
Que o mundo não m'acredita
Coração de quem me toca
Cheio de maguas palpita.

Guitarra, minha guitarra,
Oh noivo que tanto adoro,
Repete nas tuas cordas
Quantas lagrimas eu choro.

Nada mais belo e mais triste
Até hoje 'inda se fez
P'ra cantar e para chorar
Do que o fado Portuguez.

Quando eu morrer por mortalha
Guitarra vai ao meu lado,
Não quero que mais ninguem
Oiça em ti gemer o fado.

O desembarque de passageiros no Posto Maritimo de Desinfecção, em Lisboa

A noticia que, sob este titulo, publicámos em o ultimo numero d'esta Revista, trouxe-nos um mais largo conhecimento de muitas e variadas reclamações que se teem produzido, por motivo das verdadeiras extorsões de que teem sido victimas os passageiros que desembarcam no Posto Maritimo de Desinfecção, em Lisboa, sobretudo extrangeiros, a quem os carregadores e «chauffeurs» pedem pelos seus serviços quantias exorbitantes, o que não pode deixar de merecer uma rapida intervenção da auctoridade competente para evitar a continuação d'esses abusos.

E' triste termos de nos referir, uma vez mais, a esta degradante situação; mas mais triste é ainda consentil'a com o nosso silencio. Por isso, não só de novo chamamos para o assumpto a especial atenção da Repartição de Turismo, como incitamos a Sociedade Propaganda a pôr tambem em pratica os seus bons esforços junto do sr. Governador Civil, para se conseguir um rapido e eficaz termo aos verdadeiros desmandos que se teem praticado n'esse caes de desembarque e que, a continuarem, virão confirmar a propaganda de descredito malevolamente feita no extrangeiro a nosso respeito.

E' a segunda vez que nos referimos a este assumpto, mostrando os perniciosos efeitos e as desastrosas consequencias que da falta de providencias energicas e urgentes podem resultar para o nosso Paiz. Esperamos, pois, que a Repartição de Turismo, que obrigatoriamente tem de intervir no caso, não demore, por mais tempo, a pratica da ação que já devia ter exercido para acabar de vez com este e outros abusos, que se veem cometendo n'uma serie quasi ininterrupta, e que é absolutamente forçoso reprimir.

Isso já se teria feito certamente ha mais tempo, se a constituição da Repartição de Turismo não enfermasse de varios vicios d'origem; notando-se entre eles o da existencia d'um fiscal que lhe é absolutamente necessario para o serviço externo que obrigatoriamente devia competir a essa Repartição, a fim de não só prover de prompto ás deficiencias que o turismo encontra no nosso meio para que se possa desenvolver, mas evitar a pratica e reprodução de casos semelhantes ao que aludimos.

Tem, porém, essa Repartição já o nosso segundo aviso. E' de crer que ele venha a surtir os efeitos desejados, para bem de todos, a começar pela propria Repartição de Turismo.

"Revista de Turismo,,

Devido a não estar ainda regularisado o serviço dos correios não podemos mandar á cobrança os recibos da assignatura correspondente ao semestre em curso.

Como a falta d'essa cobrança nos ocasiona grandes transtornos, pedimos aos nossos estimaveis assignantes para nos enviarem a respectiva importancia ou seja Esc. 5$00, em vale do correio ou carta registada; deferencia que esperamos seja atendida pelo que nos confessamos, desde já muito gratos.

PARIS-MARROCOS-VIA LISBOA

Vamos pôr ponto n'este assumpto porque não temos o direito de maçar a paciencia dos nossos leitores. A ele nos referimos ainda hoje para deixarmos bem assignalada a nossa insistencia e para ficar archivada, nas columnas d'esta Revista, a definição de responsabilidades pela desastrada politica que se seguiu.

Fomos o mais claros e explicitos que foi possivel na exposição d'esta importantissima questão. Mostrámos, a tempo, os perigos que resultariam a proseguir-se no errado caminho que se tomou.

Ninguem se mexeu. Ninguem interveio para evitar o descalabro que nos ameaçava e que se consumou.

Vão pois a culpas a quem toca.

A *Revista de Turismo* cumpriu bem a sua missão — e isso nos basta para descanço da nossa consciencia.

Devemos dizer,. como preito á verdade, que a firma Orey, Antunes & C.ª, representante, em Lisboa, da «Compagnie Général Transatlantique», envidou os seus melhores esforços para se conseguir uma solução benefica para o nosso Paiz; mas nem a Associação Comercial — á qual essa firma se dirigiu insistentemente—nem as Companhias de Caminhos de Ferro interessadas, apezar da sua insistencia e dos justos argumentos que ponderaram, fizeram demover a nossa diplomacia do desastrado criterio que adoptou em tão magna questão.

Não nos consta que a Repartição de Turismo tivesse -- como lhe competia — intervido no caso.

Isso explica-se pela morbida situação em que se encontra devido a ser tutelada da... Administração Geral das Estradas.

A'S COMISSÕES D'INICIATIVA

A «REVISTA DE TURISMO» é a unica publicação especialmente consagrada ao Turismo em Portugal e, por isso, o seu orgão oficioso na imprensa portugueza.

Ela deve ser, portanto, o porta-voz das Comissões d'Iniciativa, que obrigatoriamente lhe devem prestar todo o seu concurso moral e material, para que a mesma Revista possa cumprir bem a sua missão de patriotica defeza dos interesses das mesmas Comissões d'Iniciativa e continue a manter a propaganda de Portugal no extrangeiro onde é largamente distribuida, fazendo assim o maior e o melhor reclamo das incomparaveis condições e belezas do nosso Paiz.

A Direcção da «REVISTA DE TURISMO» espera pois que as Comissões d'Iniciativa lhe enviem, por escripto, a sua adhesão indicando a forma como podem contribuir para a manutenção d'esta publicação.

PROPAGANDA DE PORTUGAL NO EXTRANGEIRO

O «Bureau» de Paris da Sociedade Propaganda, de combinação com a Camara Portugueza de Comercio, n'aquela cidade, vem, ha ja tempo, editando uma série de publicações ilustradas sobre as mais pitorescas regiões de Portugal, no sympathico intuito de atrahir para o nosso paiz uma corrente de extrangeiros.

As duas monographias que acabam de ser distribuidas referem-se á incomparavel região do Vale do Vouga, S. Pedro do Sul, Caramulo e Vizeu, uma; e outra ás thermas e praias portuguezas, mostrando na face duas excelentes gravuras.

Impressas em bom papel, com um aspecto muito atrahente, é a primeira escripta em inglez; e a segunda em castelhano; dedicando-se esta, especialmente, á propaganda em Hespanha.

A que anteriormente tinha sido publicada, referia-se ao Porto e foi redigida em francez, tendo sido profusamente espalhada no extrangeiro.

E' este um genero de propaganda muito interessante e que produzirá benéficos efeitos se, simultaneamente, se facilitar aqui, com providencias urgentes e criteriosas, o acesso dos extrangeiros ao nosso Paiz.

Muito em breve deverão ser publicadas mais monographias, referindo-se a outros belos pontos de Portugal, para assim se continuar essa interessante propaganda.

Aproveitando esta referencia, lembramos a conveniencia de se fazer passar no extrangeiro as fitas animatograficas sobre costumes e paysagens portuguezas que se obtiveram com a vinda, ha tempo, ao nosso paiz, dos operadores francezes.

A magna questão do jogo de azar

VAE-SE aproximando a epoca em que a magna questão do jogo será mais uma vez posta em fóco.

Não se cuidou ainda de se tomar uma energica providencia a tal respeito, de maneira que tudo continua como d'antes, isto é — permite-se a imoralidade de se jogar desesperadamente contra as proprias disposições do Codigo, porque os cretinos da nossa terra entendem que é menos moral ainda regulamentar a exploração d'esse vicio, que nenhum governo é capaz de exterminar.

Porém, uma vez que não querem entrar n'um caminho decidido, será melhor fazerem de conta que não sabem que se joga, pelo menos, durante a actual epoca das praias e thermas, para evitar as scenas canibalescas que se deram em o ano passado, como a de que a Curia foi theatro.

E' pois preferivel a todos os pontos de vista, a ignorancia do Governo sobre este assumpto.

Não lhe bula agora; deixe primeiro passar o verão.

FRANÇA

Sob o pitoresco titulo de «O Automobilismo condenado ao movimento perpetuo», publicou a «Revista do Touring Club de França» uma apreciação á jurisprudencia que acaba de ser posta em vigor pela Camara Criminal do Tribunal de Cassation, pela qual os vehiculos são prohibidos de estacionar na via publica, sem necessidade de o fazer. Isto é: um carro não pode esperar que um medico faça uma visita, que uma senhora se entretenha a fazer compras n'um qualquer armazem, ou que o seu proprietario o faça esperar á porta d'um hotel ou d'um restaurante emquanto toma a sua refeição.

Se o titulo d'esta noticia é pitoresco devemos convir que o assunto a que ela se refere não o é menos.

E' claro que esta pratica tem já dado logar ao julgamento d'alguns contraventores a essa extranha jurisprudencia, nos quaes se teem desenrolado episodios grotescos. N'um caso teve, até, o Ministerio Publico d'intervir contra a sentença que foi pronunciada e que obrigou o delinquente a um relaxe por contravenção a esse grotesco principio.

Agora, porém, o caso vae mudar de figura, visto que o «Touring Club de França» vae acionar no sentido de defender o automobilismo das iras autophobicas do Tribunal de Cassation, estando disposto a levar o assumpto ao extremo d'uma reunião das Camaras Criminaes, a fim de evitar que a interpretação absurda dada por aquele tribunal ao n.º 4 do art.º 471 do Codigo Penal continua a ter tão exquisita como aborrecida pratica.

Em França o turismo continua na ordem do dia, com um enthusiasmo cada vez mais acentuado e crescente. Não é só o turismo propriamente dito que se manifesta n'um crescente animador, é tambem, o ciclismo, o ciclo—turismo, o «camping», o «yachting», a natação e tudo quanto pode constituir um bom exercicio para o physico e um excelente recreio para o espirito.

Esse grande desenvolvimento, em que, actualmente, toda a França está interessada, deve-se á maravilhosa acção do «Touring Club de França» que, sobre todos os ramos de desporto que se conjugam com o turismo, tem a mais superior direcção e, assim, uma influencia decisiva.

A tudo esse Club atende por intermedio das suas variadas secções; em tudo ele tem a presidencia d'uma organisação feliz que lhe tem proporcionado o logar superior que de direito ocupa na vida social francesa.

Para se avaliar da veracidade de que dizemos, basta citar que, por sua influencia, ha no Parlamento grupos de deputados e de senadores que, colocando a politica n'um terreno neutro quando se trata de questões de turismo ou de desporto patrocinadas pelo «Touring Club», defendem calorosa e enthusiasmadamente a idéa proposta ou as propostas que lhes é dado apresentar.

D'esta forma não admira que o turismo em França seja verdadeiramente uma potencia de... 1.ª ordem...

ITALIA

A Italia está hoje em manifesta e acerrima concorrencia com a França em materia de turismo.

A sua politica patriotica sob este ponto de vista, sobrepõe-se a quaesquer comesinhos interesses.

Os esforços que está empregando para conquistar uma posicão superior á que disfruta a sua visinha, são postos á prova com uma direcção firme, com uma orientação pensada—qual é a de se atingir o fim de atrahir a esse paiz ridente o grosso da população mundial que viaja por praser, para satisfação das exigencias da sua inteligencia e da sua curiosidade.

Ha, especialmente, no criterio a que a Italia subordina a sua acção para exploração do turismo n'esse paiz uma visão justa e racional, qual é a da exploração d'um campo que tem sido desprezado pelas nações que mais interesse teem em cultival'o e que são Portugal e Hespanha. Esse campo, onde os italianos estão trabalhando e lançando uma boa semente é a America do Sul, sendo para ahi que se dirige uma grande parte da sua propaganda feita com subtil inteligencia e com diplomatico senso.

E' interessante apreciar-se a forma como essa propaganda tem sido conduzida e os resultados que ela já tem produzido. Tão boa tem sido a prova que se redobra d'actividade, de enthusiasmo e de energia no proseguimento da propaganda iniciada sob os mais ambicionados auspicios, como agora se tem constatado.

E' justo; não só porque quem trabalha merece uma legitima compensação, como, tambem, porque a Italia, com as suas belas condições naturaes, com as incomparaveis riquezas que encerra tem o direito de ser um paiz explorador do turismo mundial.

BELGICA

A Belgica prepara para o proximo mez d'agosto uma feira colonial que deverá realisar-se em Ostende, com o fim especial de mostrar aos belgas os produtos da sua importante colonia, que é o Congo Belga.

Esta idéa lançada a publico com o maior enthusiasmo, foi acolhida com não menor satisfação, tendo logo recebido o apoio moral e material do governo.

Por essa animadora espectativa se pode avaliar a grande importancia d'esse certamen, que para o seu o bom exito conta já, tambem, com a colaboração de inumeras sociedades, emprezas e de personalidades de elevada categoria ligadas directamente ao desenvolvimento e á prosperidade da referida colonia.

Dada esta perspectiva é de esperar que a feira d'Ostende marque um facto notavel na vida da Belgica e que d'ahi resulte a iniciativa d'outros emprehendimentos para a felicidade d'esse paiz, que assim conta com o belo patriotismo dos seus naturaes para facilmente se ressarcir dos fundos abalos que lhe foram infligidos pela Grande Guerra, de que ela teve dura experiencia.

«REVISTA DE TURISMO»

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Portugal—Cont. — semest.	**5$00**
Ano..	**10$00**
Colonias—ano.....	**15$00**
Estrangeiro—ano.....	**20$00**
Numero avulso 1$000 réis	**(1$00)**

Composto e Impresso no CENTRO TIPOGRAFICO COLONIAL—Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 27 — (Antigo Largo d'Abegoria)